

Vida social, ética e relativismo¹

Ricardo Azevedo

Vou tentar comentar de forma fragmentada certas questões que andam no ar a respeito de assuntos como escola, currículo, valorização da família, valorização de costumes tradicionais, política na escola, consumismo, racismo e discussão de gênero.

Em primeiro lugar, tudo a favor da valorização da família, até porque estamos falando de crianças e jovens, de sua vida emocional e de sua formação como pessoas e cidadãos.

É muito importante que esses “recém-chegados ao mundo”, como diria Hannah Arendt, tenham a segurança de um lar, convivência familiar e tranquilidade para aprender as coisas da vida e do mundo, acesso à cultura e acesso à informação além da compreensão de que precisam se desenvolver como pessoas mas, ao mesmo tempo, por viverem em sociedade, têm responsabilidades na sua construção.

Ocorre que nos dias de hoje, embora representem minorias, são cada vez mais comuns famílias homossexuais, seja com crianças criadas por dois pais ou por duas mães.

Essas crianças podem ser bem tratadas ou não, como em qualquer família. Imaginar que necessariamente pais heterossexuais tratam melhor seus filhos seria algo falso e sem base em qualquer realidade. Basta olhar em volta.

Acreditar que famílias homossexuais levariam crianças ao homossexualismo também não convence, até porque a maioria dos gays nascem em famílias heterossexuais.

Vale lembrar, em todo o caso, que estamos diante de um fenômeno social, cultural e humano complexo que inclusive transcende nosso país.

Não é o caso de ser contra ou a favor. Não se trata de uma questão de gosto ou opinião. São fatos. As crianças estão aqui e agora na escola e na vida, e se forem filhos de casais gays ou estiverem indecisas quanto à sua própria sexualidade, é preciso que escola, professores e todos nós saibamos lidar com isso.

¹ Publicado na página <https://www.facebook.com/rjdazevedo>

Da mesma forma, vale lembrar, houve um momento em que começaram a surgir filhos de pais separados, uma raridade se pensarmos nos anos 50 do século passado e fato corriqueiro nos dias de hoje.

Falar em “valores tradicionais” e “conservadores” ou em “militância” neste contexto não creio que ajude muito. Ou alguém pretende expulsar essas crianças da escola? Ou mandar prender seus pais?

O mesmo se dá com a questão do racismo. Se em pleno século XXI ainda podemos encontrar em nosso país a crença de que pessoas são de alguma forma inferiores por causa da cor de sua pele – uma besteira monumental que atenta à inteligência de qualquer um – essa crença irracional precisa ser combatida e a escola é um lugar fundamental para que seja discutida e extinta de uma vez por todas.

Ou tradição e conservadorismo estão a serviço de conservar a tradição da humilhação crônica de pessoas desqualificadas e desprezadas por causa da cor de sua pele (ou por sua opção sexual ou pela opção sexual de seus pais)?

Outro ponto. Fala-se de professores de “esquerda” e que estes têm propagado visões de mundo comunistas ou socialistas dentro das escolas.

Tirando o fato de que o comunismo tradicional deixou de existir com a queda do muro de Berlim em 1989, se a gente analisar as pessoas formadas pelas escolas brasileiras, públicas e particulares, nem de longe parecem ser de “esquerda”. Em grandes linhas, creio que a sociedade brasileira pode ser descrita como conservadora e relativamente liberal.

Em todo o caso, uma coisa é certa: isenção em política não existe nem tem como existir. Tudo o que fazemos ou não fazemos, queiramos ou não, tem um caráter político.

Fora isso, é preciso reconhecer, em geral, pessoas de “esquerda” se acham representantes do Bem e julgam o resto, as de “direita”, representantes do Mal. Da mesma forma, as, pessoas de “direita” costumam se achar representantes do Bem e julgam o resto, as de “esquerda”, representantes do Mal.

Trata-se mais, ao que parece, de um fenômeno de psicologia social, egos carentes, busca de pertencimento, anseios de algum protagonismo e coisas assim.

O filósofo Norberto Bobbio, que se assumia como homem de esquerda, dizia numa super síntese que a Esquerda privilegia a Igualdade em detrimento da Liberdade, num ambiente de “economia planejada”, e a Direita privilegia a Liberdade em detrimento da Igualdade, num ambiente de “economia de mercado”. Creio que é uma síntese útil.

Sem entrar no mérito dos vários graus existentes entre “economia planejada” e “economia de mercado”, nem fazer especulações a respeito de “Liberdade”, assuntos complexos, vou me ater à noção de “Igualdade”.

Segundo Hannah Arendt “a igualdade de condições, embora constitua requisito básico da justiça, é uma das mais incertas especulações da humanidade moderna. Quanto mais tendem as condições para a igualdade, mais difícil se torna explicar as diferenças que realmente existem entre as pessoas...”.

Mais que isso, para a filósofa, no limite, a possibilidade de erradicação da pluralidade da face da Terra seria o “mal absoluto” pois tornaria os seres humanos – como seres humanos – supérfluos. Afinal, se fôssemos de fato todos iguais, se morressem alguns isso não faria diferença nenhuma (!).

Hannah Arendt era uma humanista. Para ela, cada ser humano é único e, por esta razão, está destinado a agir de maneira única e insubstituível no mundo.

Altos papos e altas discussões.

Na prática, de que adianta separar pessoas de esquerda e direita se, convenhamos, sequer constituem dois grupos minimamente coesos? Ao contrário, se pensarmos em qual seria a substância da direita ou da esquerda teremos bastante controvérsia e pouca conclusão. Trata-se apenas de uma divisão retórica, uma oposição que fez sentido no passado mas, no mundo contemporâneo, não leva a lugar algum.

Se pensarmos no que interessa, na construção da Democracia, em dinheiro público aplicado em políticas públicas concretas, em equilíbrio social civilizado, em Estado de Direito para todos os cidadãos, em liberdade de pensamento e expressão e em igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos, para ficar apenas em alguns pontos, ninguém

sabe bem o que fazer nem há nos dias de hoje qualquer proposta clara nem de esquerda, nem de direita.

No Brasil, após sucessivos governos e políticas, certamente continuamos longe de ser uma sociedade plenamente democrática e civilizada.

Pergunto: não seria bom que os estudantes fossem levados a perceber que vivemos numa sociedade complexa e diversificada onde existem, primeiro, muitos problemas sociais e, segundo, diferentes convicções e opiniões divergentes no sentido de como resolvê-los? Não seria bom que eles tentassem na medida do possível compreender as discussões relevantes relativas à sociedade e compará-las inclusive com as convicções aprendidas em casa?

Afinal, num dado momento, assumirão as rédeas da sociedade. Não seria bom que eles, o quanto antes, se inteirassem dos problemas que terão que enfrentar? Ou seja, não seria bom que fossem alfabetizados política e socialmente?

Outra coisa. Fala-se em proselitismo político e de gênero (e até de raça!) mas raramente nos lembramos da propaganda e do marketing que bombardeiam, emburrecem e manipulam (e alienam) nossas crianças e jovens.

Note-se que na atual cultura dominante, valorizamos ser “livres” e “autônomos” – basta assistir a valorização do “protagonismo” ou o discurso da propaganda veiculado nas televisões – mas “livres” não para tornar mais civilizada a sociedade em que vivemos (lutando, por exemplo, por uma melhor distribuição de conhecimento entre os cidadãos), mas sim, principalmente, “livres” para escolher os produtos oferecidos pelas indústrias e anunciados diariamente pela mídia.

Como sabemos, “quem sabe o que quer, fuma Minister” ou é *free* para escolher seu cigarro, sua bebida, seu brinquedo, seu tênis ou outro produto.

Se o pessoal que se considera mais “conservador” está de fato tão preocupado com valores morais deveria abrir olho. Pretendem conservar a manipulação de crianças e jovens aprisionados pelo alienante consumismo?

Hoje em dia, uma criança de sete anos pode ser levada a dizer: “Pai, você não entende nada! Nunca vai sacar porque eu quero tanto um tênis que acende luzinha. Você está por fora!”.

Não à toa, psicólogos têm relatado a crescente dificuldade de pais que não conseguem fazer seus filhos compreenderem a noção de limite.

Como alguém que “está por fora” terá credibilidade para aconselhar, educar ou colocar limites em pessoas formadas para se julgarem “descoladas”, “singulares” e “diferentes”?

Para o cientista social Christopher Lash, este aspecto da cultura “moderna” tem contribuído diretamente para minar a autoridade paterna e desestruturar as famílias.

Formada em tal ambiente, a criança, na idade adulta, agora uma pessoa individualista descolada e cheia de autonomia, talvez seja capaz de dizer: “e daí que a natureza um dia vai ser devastada pela poluição? Até lá eu já morri!” ou “Tanto faz se o cigarro que fabrico pode dar câncer. E eu com isso? Não é problema meu. Quem não quiser fumar, não fume!”

Prefiro não mencionar, mencionando, o enxame inacreditável de desenhos animados e filminhos infantis que nada mais são do que pura propaganda de produtos. Seus protagonistas são oferecidos nos “intervalos comerciais” para uma incauta plateia de futuros consumistas.

Conservadores ou modernos, gente de esquerda ou de direita, é preciso perguntar: o que queremos com a educação?

Meu palpite é que deveríamos lutar para que fosse estabelecida, a partir de um acordo suprapartidário, uma Política de Estado para a Educação. Com metas determinadas e recursos previamente definidos para sua implantação. Seja qual for o partido que estiver no poder, todos cuidarão da manutenção da tal política, com eventuais pequenos ajustes aqui e ali.

Num prazo de 15 anos teremos, creio, um novo Brasil muito mais civilizado e democrático. E com mais igualdade de oportunidades entre seus cidadãos.

O cientista político Émile Durkheim dizia que “é moral (...) tudo o que é fonte de solidariedade, tudo o que força o homem a contar com outro homem, a regular seus movimentos por outra coisa que não os impulsos

de seu egoísmo, e a moralidade é tanto mais sólida quanto mais seus laços são numerosos e fortes”.

Se há um papel fundamental da escola é formar cidadãos que saibam o que é um comportamento moral no sentido dado por Durkheim.

Nada a ver com discussões inócuas sobre opções sexuais, casais hetero ou gays, racismos irracionais, e esquerdas e direitas anacrônicas e sem qualquer proposta clara além de retórica e populismo.

Creio que o que interessa e é preciso deixar claro é que heteros, gays, brancos, negros, gente de esquerda, gente de direita, religiosos e ateus são, antes de mais nada, cidadãos e como cidadãos, além de deveres, têm direitos que precisam ser respeitados.

Outra coisa é simplesmente analfabetismo social e moral!

Como comentário final, já aprendemos com antropólogos e cientistas sociais, faz muito tempo, que em todas as sociedades conhecidas há sempre uma constante sinergia, um diálogo e um dissenso entre “convenções” e “invenções”, faces de uma mesma e única moeda.

Trata-se de uma rica e frutífera convivência entre contraditórios.

Se não fosse assim, ainda estaríamos chafurdando em cavernas escuras, puxando mulheres pelos cabelos e morrendo de medo de nossas próprias sombras.